

## A POÉTICA DO SINISTRO: A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO GÓTICO EM DRACULA, DE BRAM STOKER

Nivaldo Fávero Neto<sup>1</sup>  
Luciana Moura Colucci de Camargo<sup>2</sup>

Com o despontar das sagas lítero-cinematográficas vampirescas, principalmente, *Twilight*<sup>3</sup> (2005, 2008), a contemporaneidade presencia o renascimento/reatualização do mito do vampiro que há séculos fascina o homem do oriente ao ocidente. A personagem vampiresca teve com *Dracula* (1897), de Bram Stoker (1847-1912), seu amadurecimento enquanto personagem ficcional configurada sob a óptica da vilania gótica. A Stoker coube o talento visionário de vislumbrar um romance – no sentido temático e estrutural - que permearia o imaginário das futuras gerações com medo e terror.

É notório o resgate da imagem do vampiro na literatura no passado século XVIII, explorado inicialmente por Lord Byron (1788-1824), *The Giaour* (1813), John Polidori (1795 – 1821), *The Vampyre* (1819), e Joseph Sheridan Le Fanu (1814 - 1873) com *Carmilla* (1872). Dessa forma, apoiados em tais referências, Stoker teceu as condições literárias perfeitas – eixos formal e temático - para a existência do seu predador sanguinário, detentor de poderes sobrenaturais que perpassam a lógica racional humana, criando, dessa forma, uma permanente sensação de hesitação entre o real e o sobrenatural por meio da qual, para Todorov (2010, p. 31), manifesta-se o elemento fantástico. Em nosso entendimento, a grande força articuladora do modo fantástico emana não somente da figura diabólica do Conde, mas também, pelo espaço que enleado à personagem, funciona como gerador de efeitos de sentidos no romance. Com isso, a própria categoria espacial deixa

---

<sup>1</sup> Nivaldo Fávero Neto é egresso do curso de Letras da UFTM, docente em Língua Inglesa na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa de Uberaba-MG. [netofavero@hotmail.com](mailto:netofavero@hotmail.com).

<sup>2</sup> Luciana Moura Colucci de Camargo é professora de Literaturas de expressão em língua Inglesa e literatura Africana do curso de Letras da UFTM. [profalucianacolucci@gmail.com](mailto:profalucianacolucci@gmail.com)

<sup>3</sup> A Saga Crepúsculo da autora Stephanie Meyer conta-nos sobre o drama que gira em torno da relação entre a jovem humana Bella Swan e o vampiro, Edward Cullen.

de ser entendida simplesmente como o local onde ações ocorrem para se tornar personagem essencial no enredo. Por muito ofuscada pelas análises de categorias temporais, o espaço, nas últimas décadas, tem sido revalorizado, pois, como coloca Dimas (1994, p. 5), o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, como o foco narrativo, a personagem, o tempo, a estrutura entre outros.

Portanto, em um contexto histórico, social e artístico contemporâneo, o espaço tem sido revalorizado, sendo deslocado da margem para o centro assim como acontece com a retomada da personagem vampiro. Portanto, pensar em *Dracula* sob o viés da espacialidade é contribuir justamente para essa revitalização da literatura gótica na contemporaneidade.

Com uma estrutura narrativa apoiada em percursos espaciais (Inglaterra, Transilvânia, Abadia de *Carfax*, Castelo), observa-se que a categoria do espaço assume papel vital no desenrolar do enredo, pois em *Dracula*, nota-se a primeira manifestação relacionada à dependência do lugar de origem: *The idea of a need for native soil came from the imagination of Bram Stoker*, (Melton, p. 487), sendo este seu único lugar de repouso, pois o vampiro apresenta forte dependência com tudo aquilo que representa sua origem; do solo ao castelo com seu mobiliário e tradição. A partir dessa particularidade da personagem, fruto do processo imaginativo-criativo de Bram Stoker, motiva-se o pensamento de uma relação imanente entre o vampiro e o espaço por ele transitado, sendo este último, responsável por exercer grande influência sobre a personagem, completando-o. Sobre a importância do espaço, Lotman (1978, p. 361) preconiza:

(...)os modelos do mundo sociais, religiosos, políticos, morais, os mais variados, com a ajuda dos quais o homem, nas diferentes etapas da sua história espiritual, confere sentido à vida que o rodeia, encontram-se invariavelmente providos de características espaciais (...)  
(o)s modelos históricos e nacionais-lingüísticos do espaço tornam-se a base organizadora da construção de uma imagem do mundo – de um completo modelo ideológico, característico de um dado tipo de cultura. Na base destas construções,

tornam-se significantes até modelos espaciais particulares, criadas por este ou aquele texto ou por um grupo de textos.

Partindo dessa ideia de um “modelo” espacial particular, é que trazemos para essa discussão a poética de criação do espaço gótico, conforme postula Camargo (2008) em seu artigo *A filosofia do mobiliário: por uma poética do espaço gótico* que discute essa construção particular do espaço com base na escritura teórica e literária de Edgar Allan Poe. Assim, é imprescindível focarmos em Poe (1809-1849), *the arch-priest of Gothic Horror*<sup>4</sup>, que se destaca por ter vislumbrado ainda no século XIX a importância do espaço cujo estudo, seria enfatizado nos séculos posteriores. É por meio das reflexões teóricas e literárias de Poe que os elementos espaciais e toda sua composição são minuciosamente tecidos no intuito de gerar o clima de mistério e terror exatamente como acontece em *Drácula*.

Esse espaço nasce da intimidade com a personagem que nele transita, da presença de razões e emoções únicas que acabam por sacralizá-lo. O processo de sacralização atribuído ao espaço gótico se faz concreto no reverso, se manifesta pelo profano e macabro, elementos os quais, permeiam a existência desses espaços que se instauram “intocáveis” no corpo da ficção de vertente gótica.

A pátria sagrada do conde é uma terra que já presenciou a trágica realidade da batalha, é solo conquistado e defendido, regado por sangue de guerreiros leais e destemidos. Esse lugar rico em histórias é também berço de superstições arcaicas, que arraigadas no imaginário da população, se espalha por cada canto, criando uma atmosfera tétrica que circunda a região, como fala o conde (*Dracula*, p. 34): *We are in Transylvania, and Transylvania is not England. Our ways are not your ways, and there shall be to you many strange things*<sup>5</sup>. Nesse sentido, o monumental edifício – o Castelo - sob a jurisdição

---

<sup>4</sup> *The Fall of the House of Usher and Other Writings* (1986)

<sup>5</sup> Nós estamos na Transilvânia e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes são diferentes, e deverão ser pra você, coisas estranhas. (tradução nossa)

tirana de *Dracula*, figura-se aos nossos sentidos como uma prisão sólida que encarcera Jonathan Harker. No castelo, vida, morte e tempo se configuram no *Memento Mori* que se faz homólogo à figura errante do vampiro. A ligação entre morador e moradia implica a configuração de laços que cruzam os limites do tempo, ambos são ornados pela tradição e idade anciã, a presença do mobiliário antigo e coberto de poeira, marcas da decadência e do desuso, são maneiras que Bram Stoker encontrou de fundir sua personagem mitologicamente antiga a seu *locale*, como diz Poe em sua *Filosofia da Composição* (1846) a respeito de seu poema, *O Corvo* (1845): *The next point to be considered was the mode of bringing together the lover and the Raven. And the first branch of this consideration was the locale.*

O espaço fechado e claustrofóbico do Castelo é essencial para o desenrolar da ação do vilão gótico, ou novamente recorrendo a Poe (1997, p. 918), “a circunscrição fechada do espaço é absolutamente necessária para o efeito do incidente insuflado e tem a força de uma moldura para um quadro”. Assim, a morada de *Dracula* é misteriosa e proibida, seu isolamento geográfico na região dos Montes Cárpatos cria a imagem perfeita do cárcere no qual o herói é enclausurado.

A profissão de fé do vampiro advém do profano, logo o processo de sacralização ao qual seu espaço será submetido será pela reversidade, indo de encontro assim, com as implicações do próprio estilo gótico, que diferindo dos moldes sacros literários, professa sua fé em uma poética de sombras e excessos. Esse caráter sagrado lançado sobre o espaço é diluído em cada parte do castelo: o quarto, as portas trancadas, a escada sinuosa, os corredores, enfim, cada detalhe da arquitetura se converge em um veículo transmissor e possuidor do inesperado, dessa forma, o conde previne: [...] *It is old, and has many memories, and there are bad dreams for those who sleep unwisely*<sup>6</sup>. (*Dracula*, p. 50) O vilão *Stokeriano*, anseia pelo turbilhão moderno

---

<sup>6</sup> Deixe-me aconselha-lo meu jovem amigo. Não, deixe-me alertá-lo com toda a seriedade, que se você, porventura, deixar esses aposentos, não deverá dormir em nenhuma outra acomodação do castelo. Ele

da era Vitoriana, e a partir daí, cruzará oceanos para disseminar sua tirania em meio à agitada civilização Inglesa *fin de siècle*, que certamente terá suas estruturas abaladas com a presença de figura tão quimérica como a do vampiro, que de acordo com Peter K. Garret (2003, p. 135) concentra em si a ambiguidade de uma ameaça externa quanto interna: um invasor de um tempo e terra remota, e a figura profana das fantasias secretas humanas.

A propriedade de Carfax é dotada de características estimadas pelo conde, exala a antiguidade e o desuso: *The whole place was thick with dust... The walls were fluffy and heavy with dust, and in the corners were masses of spider's webs*<sup>7</sup>... (*Dracula*, p. 341). Esse ambiente agressivo à sensibilidade humana suscita em Jonathan Harker e nos demais caçadores sentimentos confusos e aguça-lhes os sentidos no reconhecimento da Abadia de Carfax como o covil de horrorres de *Dracula*.

Os espaços evocados e o percurso espacial na obra de Bram Stoker não somente se inter-relacionam com a personagem, mas também cooperam de forma intensa para a ressonância gótica na obra, pois explora de forma complexa a reação do homem perante o desconhecido por meio da constituição dos cenários, e principalmente, pelo morador macabro.

Por fim, passando às considerações finais, o espaço é de fato personagem essencial em *Drácula*, reafirmando, então, o valor da escritura de Bram Stoker que, como Edgar Allan Poe em seus textos críticos, teóricos e ficcionais, teve a percepção *avant-la-lettre* da importância dessa categoria estética para a configuração do texto literário. Esses espaços circunscritos e enclausurados - homólogos à personagem - são incitadores da ação e do caráter do Conde, o último da estirpe dos *Dracul*, o monumento remanescente de tempos e valores outrora findados, levanta-se da própria morte como um ser errante – temporal e espacialmente – para assombrar e seduzir eras adentro.

---

é antigo, e abriga várias memórias, e haverá de ter sonhos terríveis aquele que for imprudente. (tradução nossa)

<sup>7</sup> O lugar estava repleto de pó... As paredes estavam fofas e pesadas pelo acúmulo de poeira, e nos cantos, se encontravam inúmeras teias de aranha. (tradução nossa)

#### Referências

BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoánalise. Franca: Ribeirão gráfica editora, 2007.

BOTTING, Fred. Gothic. Routledge: London, 1996.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CAMARGO. Luciana Moura Colucci. A filosofia do mobiliário: por uma poética do espaço gótico. In: Abralic - Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008, São Paulo - SP. Eletrônico. Abralic : Abralic, 2008.

DIMAS, Antônio. Espaço e Romance. São Paulo: Ática, 1985.

GARRET. Peter K. Gothic Reflections. USA: Cornell University Press, 2003.

MELTON. Gordon. Enciclopédia dos Vampiros. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.